



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

## PROJETO PIBID: RELATANDO EXPERIÊNCIAS DURANTE AULA DE CRÍTICA DA CULTURA

Patrícia Maciel de Souza <sup>1</sup>  
Filismina Fernandes Saraiva <sup>2</sup>  
Gildecil de Oliveira Leite <sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é relatar experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), Projeto Literatura Afro-brasileira e Baiana, durante aula sobre alguns conceitos relacionados à crítica da cultura. O momento relatado se passou dentro da unidade escolar CEEP (Letice Oliveira Maciel), parceira do projeto, e contou com a participação dos alunos da mesma. A aula se deu em forma de oficina, na qual os estudantes puderam debater assuntos como homofobia, empatia, racismo e exclusão social. Para que isso acontecesse foram apresentados slides com imagens, vídeos e dados estatísticos, que remetem ao assunto abordado. A oficina foi fundamentada com base no referencial teórico sobre cultura a partir de textos de Marilena Chauí (2008), e com vista nos trabalhos sobre alteridade de Gildecil Leite (2008).

**Palavras-chave:** Crítica da cultura; Alteridade; Criticidade.

### Introdução

O Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) auxilia na formação de estudantes de Licenciaturas, como futuros docentes. O projeto ajuda estes a interagir com o campo escolar e buscar meios para que estudantes do ensino básico tenham uma educação de qualidade. Com isso o acadêmico passa a ver o funcionamento da unidade escolar, e principalmente como é estar na sala de aula na condição de professor.

O Projeto é dividido em vários temas, entre eles Literatura Afro-brasileira e baiana, que por sua vez, tem como finalidade levar essa cultura para a sala de aula, além de discutir assuntos decorrentes como racismo, homofobia e desigualdade social, buscando meios para solucioná-los.

Levar a Literatura Afro brasileira para o campo escolar, é tornar a leitura dos discentes muito mais rica. Pois, se trata de uma escrita que fala sobre um povo que foi

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII.

<sup>2</sup> Professora na Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII.

<sup>3</sup> Professor na Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

escravizado, tirado de sua casa e obrigado a viver uma vida de exclusão e miséria, que repercute até hoje. Com os textos trabalhados durante as oficinas realizadas pelo Subprojeto Literatura Afro brasileira e baiana, coordenado pela professora Me<sup>a</sup> Filismina Saraiva e o professor Dr. Gildeci de Oliveira Leite, os estudantes veem histórias que se parecem com as suas. A crítica e os debates que seguem a respeito dos mesmos, são sempre feitos a partir das vivências dos estudantes.

### **Relato de experiência**

Durante aula realizada no CEEP Letice Oliveira Maciel, cujo tema se referia a alguns conceitos de crítica da cultura, um estudante da turma pediu a palavra, estávamos naquele momento discutindo sobre alteridade, com base na fala de Gildeci Leite (2008) que diz:

Todos sabem que alteridade é o direito à diferença, logo, todos teriam o direito de serem o que são sem sofrerem discriminações de quaisquer naturezas. Contudo, numa tentativa de segregar as diferenças e evidentemente de exercer uma alteridade negativa, setores reacionários da sociedade, conforme Marilena Chauí (1993), exerceram e incentivaram a alteridade negativa. (LEITE, 2008, p.3)

Foi justamente a alteridade negativa, que mais chamou sua atenção. Ele relatou sobre o preconceito que sofre pelo fato de ser negro, que muitas vezes quando volta do futebol à noite, é visto com maus olhos pelas pessoas, as quais fazem a segurança da cidade. Sendo perceptível em sua fala, que os estereótipos, que cercam as pessoas negras, infelizmente ainda permanecem na sociedade. Outros estudantes comentaram sobre o fato de serem perseguidos o tempo todo dentro do comércio local, principalmente em lojas de roupas e sapatos, como se a qualquer momento fossem roubar algo, são julgados na maioria das vezes pela cor da pele e a maneira como estão vestidos.

As falas a respeito dos estereótipos, me fizeram perceber que apesar de convivemos com o preconceito, que ainda ronda as minorias, estamos cada vez mais cientes de nossos direitos, os estudantes não estavam apenas relatando algo, estavam



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

denunciando as formas preconceituosas como o povo negro é tratado. Fiquei feliz em saber, que estava ali diante de uma juventude consciente de seus direitos, e preparados para combater qualquer forma de discriminação.

Segundo Gildeci de Oliveira Leite (2008):

Então muito fácil deduzir como estaria o etnocentrismo irmanado à xenofobia, aversão ao que é estrangeiro, e à xenofilia, aversão ao que é nacional[...]deve-se entender como estrangeiro não só aquele ou aquela nascido ou nascida em outro país, também aquele ou aquela que pertence a um pensamento ou a uma identidade cultural diferente, independente do local de nascimento. (LEITE,2008, p.3).

O autor trata do sujeito etnocêntrico, como sendo alguém que aceita apenas a sua maneira de pensar ou cultura como correta, desprezando toda e qualquer diferença. O etnocentrismo acaba por gerar preconceito e exclusão. A xenofobia e xenofilia são exemplos disso, para que ficasse mais claro esse assunto, exemplifiquei com a notícia dos Venezuelanos que foram atacados no Brasil, justamente quando tentavam procurar abrigo. Foram recebidos com violência, quando deveriam ser protegidos e acolhidos. Como sabemos a Venezuela passa por uma grande crise financeira, e muitas pessoas que moram no país, estão deixando as suas casas e procurando abrigo em outros locais. Além disso, deixei claro que a xenofobia e a xenofilia não existem apenas no Brasil, infelizmente são preconceitos que circulam o mundo inteiro.

Toda e qualquer pessoa tem direito de escolher ser o que é, e isso foi defendido por uma aluna, que durante o debate a respeito dos padrões impostos pela mídia, a mesma que se afirma gorda, disse que não importa em ser tratada dessa forma. Comentou que já chegou a se incomodar com as piadas a respeito de seu corpo, mas que aprendeu a lidar com isso, o primeiro passo foi a aceitação própria, a partir do momento em que isso aconteceu, passou a se gostar da forma como é. Hoje se alguém tentar ofendê-la a chamando de gorda, não surtirá efeito, pois ela se assume como sendo.

A aula seguiu com debates sobre gordofobia e os padrões impostos pela mídia, que define quem é classificado como bonito e quem não. Foram pensadas formas e soluções para combater essas atitudes, como palestras e debates a respeito desses temas.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

**V Seminário Interdisciplinar  
de Ensino, Extensão e Pesquisa**

Outro assunto tratado durante o encontro foi a violência contra a mulher, para chamar mais atenção sobre essa questão, apresentei dados estatísticos e notícias que comprovam em números a quantidade de mulheres que são agredidas e até mortas, pelo simples fato de serem do sexo feminino. Muitos dos presentes colocaram suas observações a respeito do tema, falaram do medo que muitas tem em denunciar, e de quantas ainda são dependentes dos maridos financeiramente. Outras enraízam em si o padrão imposto pela sociedade, que determina a mulher como sendo alguém que necessita de um companheiro, e que na ausência deste é vista com maus olhos.

De todas as histórias que os alunos contaram sobre violência contra a mulher, uma em especial me chamou mais atenção, o estudante pediu a palavra e começou a relatar o que vivenciou em casa com seus pais, disse que o pai sempre traiu a mãe com muitas mulheres, a mesma não desconfiava, até o dia em que acabou descobrindo tudo. Porém, temia terminar a relação, o marido era quem sustentava a casa, e além do mais tinha os filhos, que ainda eram pequenos. As discussões sempre acabavam em agressões psicológicas por parte do marido, que fazia com que a esposa se descreditasse. O estudante contou que a mãe sofreu muito, mas que decidiu estudar e se preparar para ter uma profissão, e foi o que aconteceu, depois de passar em um concurso se separou do marido, e deu um basta de uma vez por todas nas agressões, que vinha sofrendo. Infelizmente nem todos os casos terminam dessa maneira, muitas mulheres ainda morrem vítimas de feminicídio, os números são alarmantes e crescem cada vez mais.

A desigualdade salarial entre homens e mulheres, entre brancos e negros, a exploração do trabalho infantil e dos idosos são consideradas normais. A existência dos sem-terra, dos sem-teto, dos desempregados é atribuída a ignorância, a preguiça e a incompetência dos “miseráveis”. A existência de crianças de rua é vista como “tendência natural dos pobres a criminalidade” (CHAUÍ; 2008, p74)

Segundo Marilena Chauí (2008) a desigualdade social que afeta as minorias ainda é vista como algo normal. Encontrar desculpas, para mascarar o preconceito, infelizmente, é comum na sociedade em que vivemos. As grandes mídias, como a televisão, manipulam a população e acabam por inferir nela os seus interesses. A desigualdade social deixa de



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetitê, BA

ser vista como um problema que deve ser resolvido pelos governantes, para ser tratada como culpa das próprias pessoas que são afetadas.

Desigualdade essa, que também é denunciada no poema “Entradas e Serviços” do escritor baiano José Carlos Limeira. No qual o autor defende a igualdade de direitos entre pessoas. A leitura e análise do poema, foram realizadas de forma minuciosa pelos estudantes e as devidas comparações com o cotidiano foram feitas.

### Considerações finais

As discussões foram de grande importância para os estudantes, todos participaram de forma espontânea. Tinham sempre algo para contar, alguns deles já sofreram o preconceito na pele, outros já conviveram com pessoas que foram vítimas desse crime.

O olhar dos jovens para as mídias sociais e os meios de comunicação, está cada vez mais atento. Por muitas vezes, exemplos de alguma série, novela ou filme, eram ditos para comparar à vida real, até porque infelizmente, ainda existem pessoas que se espelham em tudo que assistem ou ouvem, sem questionar o que de fato há por trás do que é exposto.

Diferente disso, os estudantes que participaram da oficina, obtiveram uma nova postura, com mais criticidade a respeito de tudo que está em sua volta. Estão mais atentos ao que diz respeito a alteridade negativa, e prontos para combater qualquer forma de discriminação.

### Referências

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junio 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e racismo**: aula inaugural na FFLCH – USP em 10.03.1993. Revista Princípios, São Paulo, nº 29, p. 10-16, junho-julho de 1993.

LEITE, Gildeci de Oliveira. **Literatura e mitologia afro-brasileira**: Encantos e percalços. Seara (Salvador), v.01, p. 01-06, 2008.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

**POEMA:** Entradas e Serviços-José Carlos Limeira. Disponível em:  
<http://www.letra.ufmg.br/literafr0/autores/11-texto-dos-autores/294-jose-carlos-limeira-textos-selecionados>.